

Um holandês de bicicleta

Rui Cardoso Martins

O

s ditados populares falam do carácter de um povo e, por simpatia geral, da sua economia. Gosto do ditado português “erva ruim a geada mata”. Só se pode comparar a outro ditado português: “Erva ruim a geada não mata.” Não me decido, os dois são bons. Explica muita coisa que nos acontece, decerto, se alguém perceber que mo explique.

Espera... há dias, nos campos arenosos de Alcochete, passei a ponte de um canal largo, entre duas lezírias. Não se via água, só um tapete grosso de jacintos-de-água, uma praga que, depois de cortada, volta a crescer. De um lado os jacintos estavam castanhos, com ar doentio, queimados pela geada, do outro, mais protegido, verdes e carnudos, mas era a mesma porcaria dos dois lados e o castanho voltará a reverdecer, e o verde acastanhará numa madrugada húmida de gelo, a praga não morre.

E, por culpa dos canais, lembrei-me da Holanda, a mátria sentimental do PSI-20 fiscal português. Tem tulipas, diques, moinhos, holandesas, uma língua de susto, bicicletas e empresários portugueses de sucesso. A primeira vez que vi um holandês era criança. O holandês tinha quase dois metros, cabelo e barba ruivos, calções, mochila e uma bicicleta preta. Um enorme holandês desembarcou em Portalegre e bateu à porta do colégio diocesano: estava a dar a volta ao mundo em bicicleta, explicou, uma missão evangélica, salvo erro. Com a graça de Deus, queria abrigo. Nesse dia, ao almoço, diante de nós, recusou o vinho e pediu leite. Bebeu um copo de leite, dois copos de leite, três copos de leite, quatro copos de leite, nós de boca aberta, até que um delicado padre lhe disse:

– Desculpe, não lhe dou mais leite.

Continuou o almoço. Mas o que intrigava os portugueses adultos, incluindo professores, que acompanhavam a carne com um revigorante copo de tinto, era uma pergunta maravilhosa:

– Como é que este homem se fez tão grande... a leite?

Ninguém, na altura, entre os mediterrânicos de metro e sessenta e pouco, fez a relação entre o tamanho do holandês e o leite que bebia desde pequeno. Hoje dá para rir, qualquer miúdo português é mais alto do que o pai, faz-se grande... a leite. Mas o triste fundo ainda não morreu, e voltou a nascer como as pragas, estamos a caminho de ser tão pobres como nesse tempo, há mais de 30 anos, e a Holanda ainda a apostar no que faz crescer. Tanto que já mama, por assim dizer, na economia portuguesa, enquanto milhares de portugueses andam pela ruas desempregados, doentes, ervas ruins do Estado, sem saber se há jantar.

Por acaso, andei de bicicleta em Amesterdão e estampeei-me, os travões funcionavam movendo os pedais ao contrário, a cada povo sua forma de avançar e de travar, aquela não era a minha, mas não estou cotado na bolsa.

E por culpa disto revi *Ladrões de Bicicletas*, de Vittorio de Sica, (1948, argumento de Cesare Zavattini, romance de Luigi Bartolini). O neo-realismo, no seu início italiano, tinha uma verdade que volta, volta, com os pedais do tempo. Um homem é contratado para colar cartazes de cinema e já pode dar de comer à mulher e filhos. Mas precisa de bicicleta própria, ou o trabalho vai para outro. A família tira a bicicleta do prego com o dinheiro dos lençóis da casa colocados da mesma casa de penhores. No primeiro dia de trabalho, roubam-lhe a porcaria da bicicleta e o homem corre Roma desesperado, com o filho, entre milhares de bicicletas só precisa de uma e não consegue, até os pobres o roubam, e é derrotado, perdeu tudo de novo, menos a mão do filho na sua mão.

Mas vi esta semana, perto do rio, um jovem pedir a namorada em casamento, de joelhos. Passava um casal de bicicleta e, na altura do beijo, a rapariga em duas rodas disse:

– Onde ponho eu a máquina fotográfica quando é preciso?

O mundo é grande mas podes dar-lhe a volta a pedalar (ou a emigrar, como diz o outro). ●

Escritor
rui.cardoso.martins@publico.pt



Estamos a caminho de ser tão pobres como nesse tempo, há mais de 30 anos, e a Holanda ainda a apostar no que faz crescer